

Deleuze encontra Freud: desconstruindo a sexualidade a partir de uma leitura de Sacher-Masoch

Deleuze meets Freud: sexuality deconstructed based on a lecture of Sacher-Masoch

Breno Pitol Trager¹

Marcos Klipan²

Resumo: Este ensaio discute as relações entre feminilidade, passividade e masoquismo a partir da reflexão crítica-clínica da obra de Sacher-Masoch interpretada por Deleuze, e da teoria das pulsões de Freud. Partindo do complexo de castração, em ambos os sexos, infere-se que urge às pulsões perverso-polimorfais infantis, especialmente ao impulso agressivo sádico-anal, extraviarem-se para o matrimônio. Tal processo conduziria, no caso das perversões, a uma hipotética unidade sadomasoquista na psicanálise freudiana. A reflexão deleuziana sobre Sacher-Masoch, no entanto, mostra que, ao passo que o sadismo recapitula o complexo de Édipo, o masoquismo se vincula à oralidade da mãe Afrodite. O ensaio conclui que, diferentemente de urgir o matrimônio com a concepção de um filho, a psicanálise de Freud pode ensejar uma feminilidade empoderada da qual faz parte a complexidade do fetiche humano.

Palavras-chave: Deleuze; Freud; masoquismo; sadismo; passividade; feminilidade.

Abstract: *This essay discusses the relationship between femininity, passivity and masochism based on a critical-clinical reflection on the work of Sacher-Masoch interpreted by Deleuze and about Freud's theory of drives. Starting from the castration complex concept, in both sexes, it is inferred the urge for the perverse-polymorphic infantile drives, especially the anal-sadistic aggressive impulse, to go astray towards marriage. This process would lead, in the case of perversions, to a hypothetical sadomasochistic unity in Freudian psychoanalysis. Deleuzian reflection on Sacher-Masoch, however, shows that, while sadism recapitulates the Oedipus complex, masochism is linked to the orality of the mother Aphrodite. The essay concludes that, unlike inciting marriage with the conception of a child, Freud's psychoanalysis might give rise to an empowered femininity of which the complexity of the human fetish is a part.*

Keywords: *Deleuze; Freud; masochism; sadism; passivity; femininity.*

1. Introdução

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil (2017).

² Doutorado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Assis/SP, Brasil (2015). Coordenação da Universidade Estadual de Maringá, Brasil.

A Psicanálise se sustenta como uma visão de mundo, de ser humano, além de um método de análise clínica, incluindo a análise do sujeito analisador, seja por ele mesmo ou por terceiros. Além disso, também interpreta fenômenos psicossociológicos mais amplos. Considerando esses pontos, apresenta-se o bojo conceitual utilizado na descrição de casos clínicos de perversões sexuais, especialmente o sadomasoquismo, denunciando o viés binário de síntese opositiva indiscutivelmente visível nesse tipo de intervenção. O objetivo deste ensaio é circunscrito em um percurso de análise crítica-clínica do masoquismo e sadismo. Visamos desconstruir acepções de masculinidade e feminilidade recapituladas no complexo de Édipo, que recorre em seu monismo fálico, presente, conforme Deleuze e Guattari (1972/2011), na saída edipiana que Freud postula para os conflitos infantis relativos aos registros iniciais do inconsciente. Apresentamos, por fim, uma crítica social dos processos de identificação que ocorrem no sujeito.

Ao longo da sua obra, Freud (1856-1939) realizou mudanças significativas em seus conceitos. Abordar-se-á tais mudanças articulando-as ao pensamento de outros psicanalistas como Birman, Lacan, Spitz e Winnicott. Do ponto de vista do nominal, são usados os termos inconsciente, pré-consciente e consciência, conforme proclamado em suas teses sobre o sonhar (Freud, 1900/1998). Tal projeto foi complementado com a inserção da teoria presente em suas teses sobre a sexualidade, cujos ensaios apresentam a dinâmica de psicopatologias abrindo um campo de estudo do sofrimento psíquico em que bizarrices apresentadas no comportamento humano são passíveis de análise do ponto de vista clínico, tal como o sadomasoquismo (Freud, 1905/1998). Mais especificamente, Freud buscou, por meio da atividade clínica, identificar investimentos psíquicos que descrevem problemas de ordem do sofrimento mental.

Por fim, a psicanálise passou a analisar fenômenos mais amplos presentes em boa parte da população humana, inserindo o aspecto dinâmico-econômico, ou seja, descrevendo como a energia sexual libidinal se projeta nas amplas esferas da vida, nas conceituações metapsicológicas. É sobre a pretensa unidade sadomasoquista que se inscreve o objetivo deste ensaio: denunciar a confusão freudiana (Deleuze, 1967/2009) entre o universo masoquista e o universo sadista, superando a suposta síntese binária presente nesta hipotética perversão sexual.

O presente ensaio inscreve-se em uma proposição geral de que os investimentos psíquicos se realizam de forma opositiva em um binarismo que submete a um monismo os fenômenos propriamente psicossociais entendidos aqui como a universalidade

masculina em relação à feminilidade. Isto, pois, conforme será exposto, a psicanálise freudiana parece endossar a ideia de que o pai é o representante natural da lei, ao passo que a mãe representaria os traços dóceis da cultura (Deleuze, 1967/2009). Dizendo de outro modo, o objetivo desse ensaio foi construído de modo a realizar uma cartografia entre a psicanálise freudiana e a Filosofia da Diferença, mostrando como o discurso de Freud endossa a submissão da mulher ao falo (Deleuze, 1967/2009). Para tanto, realizamos um recorte entre as obras dos desses autores, seguindo um itinerário, em primeiro lugar, conceitual, em seguida, literário e, por fim, filosófico.

Em relação ao esclarecimento conceitual, Freud explicou a ideia de castração no complexo de Édipo em ambos os sexos. No caso da menina, ela já se vê castrada, havendo uma supremacia do falo como lei totêmica masculina, ao passo que a feminilidade seria reduzida aos traços culturais frente à lei natural, do totem (Freud, 1924a/1996). Posteriormente, abordou a ideia de uma suposta unidade sadomasoquista como um impulso sádico-anal, fetiche que produz prazer pela defecação, extraviado para um registro posterior no prazer em produzir dor alheia, bem como em si mesmo, pois sadomasoquistas seriam agressivos tanto com outrem quanto com sua própria carne (Freud, 1924a/1998).

Além disso, o caráter masoquista nesse universo do sadomasoquismo seria essencialmente feminino, pois se trataria de uma desvirtuação perversa do impulso agressivo sádico-anal, em que o indivíduo, de ambos os sexos, mas apresentando uma personalidade feminina, por meio de sua inveja do falo, gostaria de ser espancado na relação parental, de modo a expiar sua culpa de já ser castrado (Freud, 1919/1996). Melhor dizendo, a perversão sadomasoquista seria essencialmente feminina porque deseja um amor incestuoso com o pai, que representa a lei, como uma substituição de um falo que já se vê, desde o início, perdido. No âmbito da neurose, Freud se confronta com a fantasia masoquista inconsciente porque o atributo perverso-polimorfo da sexualidade necessita ser sobrepujado pelo recalque, caracterizando tal neurose sadomasoquista como o negativo da perversão (Freud, 1905/1974). Nesse sentido, a fantasia neurótica torna-se perversão quando infligir dor em si mesmo ou no objeto sexual passa a ser o único condicionante da satisfação.

O propósito maior deste artigo é abordar a desconstrução da lógica unitária sadomasoquista, mostrando que se trata de universos distintos que não se comunicam entre si. Ao expiar uma culpa, o masoquista na verdade busca humilhar a própria figura

paterna, uma vez que o desejo sádico-anal, extraviado para a expiação de si mesmo, funda a imagem da figura paterna no sujeito masoquista, que se vê como seu pai, finalmente, humilhado. Por seu turno, o sádico recapitula a perda do falo, pois, ao agredir outros e a si mesmo, estaria, no fundo, desejando aniquilar a totemia de seu próprio pai, representado como a lei natural, recapitulando o complexo de Édipo (Deleuze, 1967/2009).

Finalmente, é explicitada a cartografia da tríade masoquismo-passividade-feminilidade, mostrando como o discurso freudiano endossa a submissão do feminino ao masculino por meio de uma síntese opositiva entre a natureza considerada universal e natural, o pai totêmico, e o cultural, os traços dóceis ou frágeis que caracterizariam a maternidade, comumente, considerada a única saída para o complexo de Édipo feminino (Freud, 1924a/1996).

2. Freud e a tríade masoquismo, feminilidade e passividade

Esta seção busca mostrar como a ideia freudiana de feminilidade é baseada em um modelo denominado pelo autor de sadomasoquismo: união de frequências e vibrações distintas, porém supostamente complementares, de sexualidades inicialmente polimorfo-perversas infantis. Todo o conjunto da obra de Freud gira em torno da postulação de um princípio filogenético de separação da criança em relação ao amor pela mãe, bem como da figura paterna como exclusivamente castradora desse amor incestuoso (Freud, 1924a/1996). Explicando de outro modo, investimentos libidinais frequentes na microgênese de um sujeito são reféns de um totem e tabu hierarquizado em uma linha de DNA específica, razão pela qual os complexos descritos pela Psicanálise são pretensamente universais, ou seja, atualizam um *Geist* desejante e punitivo, enquanto os investimentos libidinais concebem uma personalidade frequentemente atualizadora desse *Geist* (Freud, 1913/1996).

A acepção de *Geist* pode ser melhor compreendida pelo que Deleuze e Guattari (1972/2011) conceituam como fantasma de grupo, que é o investimento libidinal da multidão em formas complexas desejantes da opressão ou do devir revolucionário. Diferentemente das técnicas, que são relativas ao desenvolvimento atual das forças produtivas, a produção desejante inclui o aspecto onírico e fantasmático do grupo em relação à produção das máquinas. A dialogia é entre o devir molecular da produção desejante disjunto à grande massa molar gregária que a forma. O fato de haver fantasmas

revela que eles são sempre de grupo; já o de haver repressão incide sobre essa dialogia e não altera a constatação que a produção desejante produz o social. A libido investida sob um grupo fantasmático pode tanto se dirigir ao molar mais repressivo quanto operar um contra investimento molecular revolucionário do desejo.

Nesse sentido, as teses freudianas sobre totem e tabu precisam ser compreendidas, segundo Deleuze e Guattari (1972/2011), principalmente a tese do complexo de Édipo, não como causa do recalçamento do amor incestuoso pelos pais, mas como consequência de um *Geist*, fantasma de grupo histórico e específico.

De acordo com Spitz (1965/1996), o sorriso seria um dos primeiros atos sensíveis-motores de um bebê em relação à sua mãe, quem cuida dele, fundando a identificação parental da qual se desenvolveria todos os processos psicossociológicos posteriores. Essa fusão da mãe com o bebê, que se desfaz pela ideia de uma mãe que às vezes se ausenta, mas que é suficientemente boa (Winnicott, 1967/1999) é retomada nos complexos de Édipo e de castração. O feminino então é apresentado como recapitulação ontogenética de um pai totêmico, ou seja, acredita-se que no processo de constituição de uma mãe suficientemente boa, o pai seria a figura representante da lei, da natureza, enquanto a criação materna seria o aspecto cultural (Deleuze, 1967/2009). A superação da ausência do pênis, em Freud, é muito discutida na psicanálise, porém, apresenta controvérsias, tal como sugere Birman (1991) ao afirmar que as cicatrizes de um complexo de Édipo mal resolvido conduziram, no caso da mulher, a um enigma da feminilidade.

Na obra *Sacher-Masoch: O Frio e o Cruel* (Deleuze, 1967/2009) a questão da autoafirmação feminina é exposta através da distinção entre sadismo e masoquismo. Partindo de uma crítica literária cuja análise tem como pedra de toque os textos de Freud, Sade e Masoch, Deleuze subverte a lógica de análise freudiana – que parte da premissa de que feminino-masoquismo-passividade estão em íntima relação na configuração do desejo. Essa mudança na lógica da investigação permite questionar se as noções de passivo e feminino se situam inteiramente no plano do individual-inconsciente e se haveria agenciamentos sociais de gênero implicados nas análises do psiquismo. O retorno à obra de Sacher-Masoch dissolve a tríade feminino-masoquismo-passividade presente em Freud e sugere equívocos na explicação fetichista dos investimentos libidinais identificatórios entre um sujeito masculinizado diferente de um sujeito feminino.

Ainda recentemente encontram-se muito reproduzidos na área clínica modelos de análise do aparelho psíquico nos quais o fetiche é analisado do ponto de vista qualitativo

dinâmico-econômico como a extradição de um princípio sádico-anal para relações afetuosas estáveis, tal qual o matrimônio. Trata-se da naturalização do feminino como figura condenada a resgatar o falo pela substituição de seu órgão genital, supostamente mutilado, por um filho (Freud, 1924a/1996). Esta seria a razão pela qual se especula a unidade contraditória entre o ser masoquista e o ser sádico. Nasce, portanto, a denúncia do viés binário que absolve as práticas sexuais e suas consequências como um projeto do qual emergem identidades sociais de gênero cuja diferença anuncia objetivos sócio-políticos distintos. Os investimentos libidinais na microgênese de um indivíduo permitem repensar a posição do feminino avaliando sua constituição psíquica e o lugar que ocupa na sociedade ocidental. É possível hipotetizar que as angústias de separação, frequentes nos mais diversos relacionamentos humanos, ocorrem pela fusão irresponsável da inspiração sádica, tradicionalmente concebida como masculina, e a inspiração masoquista, tradicionalmente concebida como pertencente ao segmento feminino. O binarismo sadomasoquista seria a maior expressão dessa fusão, com o indivíduo refém do desejo enquanto falta, isto é, com medo da castração ou do próprio órgão castrado.

As obras em que a questão da sexualidade feminina como resgate do falo pode ser vista são as teses do sonhar, os ensaios sobre a sexualidade, os artigos a respeito do espancamento infantil, as teorias da saída do complexo edípiano e as conferências sobre o feminino. Em geral, sua problemática gira em torno do complexo de Édipo na menina pareado com o do menino e suas vicissitudes. Nesse sentido, o complexo de Édipo, na teoria do desenvolvimento da sexualidade formulada por Freud, revela sua importância como o fenômeno central do período sexual da primeira infância.

Partindo da hipótese de uma herança filogenética do totem e do tabu, isto é, da necessidade de sucumbir o amor incestuoso pelos pais para que então possa ocorrer o investimento libidinal posterior em outrem, é que se considera efetuada a dissolução edípiana. Mais especificamente, haveria um amor incongruente pelos pais, a hipótese filogenética, uma linha de DNA em cujo bojo deve extraviar-se o desejo de um amor incestuoso pelos pais em direção a um investimento posterior na esfera social. O complexo de Édipo sucumbe à regressão e é seguido pelo período de latência. Sua destruição decorre da hereditariedade a respeito da reprodução mantenedora da espécie humana, bem como da ausência da satisfação esperada, quando a menina percebe não ser o único amor da mãe e do pai e o menino compreende não ser o único amor da mãe (Freud, 1924a/1996).

Para o menino, o declínio do complexo de Édipo se realiza sob a ação da ameaça de castração de sua organização genital fálica, havendo um conflito entre seus desejos libidinosos que dirige à mãe em um Édipo positivo (Freud, 1924a/1996), o interesse narcísico que dirige para o pênis e a iminência da ausência do pênis na menina. Na menina, o complexo de castração, despertado pela visão do pênis nos meninos, levará a um sentimento de inferioridade e a querer compensar sua falta pela inveja do pênis, além do desenvolvimento de um ciúme acentuado. Assim, postula o pai da psicanálise que:

as consequências da inveja do pênis, na medida em que não é absorvida na formação reativa do complexo de masculinidade, são várias e de grande alcance. Uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade (Freud, 1925/1998, p. 315).

Durante a fase do complexo de Édipo normal encontramos a criança ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com o do seu próprio sexo é predominantemente hostil, embora o objeto de amor primário ser o mesmo para ambos os casos: a mãe. No menino, o complexo de castração o faz abandonar os desejos edípicos. Já na menina, ao invés disto, o complexo de castração a faz voltar-se para o pai para tentar substituir a falta do pênis. O desejo de ter um filho do pai, como substituto do pênis é, portanto, o promotor do Édipo feminino. O complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação: uma ativa, em que se colocaria no lugar do pai, à maneira masculina, desejando relações com a mãe; e outra passiva, em que assumiria o lugar da mãe ao ser amada pelo pai (Freud, 1925/1998).

No texto sobre o dimorfismo entre os sexos biológicos, no qual Freud (1925/1998) discorre sobre o desenvolvimento psicológico das mulheres, será encontrado condensado o germe de todo o seu trabalho posterior sobre o assunto. Nele, Freud conclui que a menina se afasta do pai por ter seu desejo de um filho não realizado. Ela não teme a castração, por já ser castrada ou *mutilada*. O medo que se impõe, portanto, é a ameaça da perda do amor paterno; enquanto no menino o Superego se forma pela introjeção da autoridade paterna, na menina são fatores externos que agirão, como a Educação, a intimidação e o temor de não ser mais amada. O desapontamento gerado pela ausência do pênis na menina, que resulta em um afastamento da mãe, acusa-a de amar mais os outros filhos (que têm um pênis), além de recusar-se a se masturbar, decepcionada com seu clitóris. A masturbação é tida, em psicanálise, como algo ligado à virilidade, isto é, evolução do narcisismo primário, em que a criança é concebida como amor absoluto, em

direção ao desejo de possuir um pênis perante a ameaça de castração. O reconhecimento da diferença sexual obriga a menina a renunciar a masculinidade e dirigir-se à feminilidade, que é a passividade pela ausência de masturbação. Nesse contexto, a menina, ao ter renunciado o pênis substituindo-o pelo desejo de ter um filho, volta-se ao seu pai, tendo-o como objeto de amor. Emergem, dessa relação, as fantasias de espancamento, o que é de um caráter invariavelmente masoquista. Nesse processo, a mãe e as outras crianças, como os irmãos, passam a ser rivais e se tornam o objeto de seu ciúme: “a menina transformou-se em uma pequena mulher” (Freud, 1925/1996, p. 284).

Quanto à positividade e à negatividade de meninos e meninas frente à dissolução do complexo de Édipo, Freud ainda argumenta que:

Não pode ser outra coisa senão seu sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis, o lembrete de que, afinal de contas, esse é um ponto no qual ela não pode competir com os meninos, e que assim seria melhor para ela abandonar a ideia de fazê-lo. Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade (Freud, 1925/1996, p. 152).

Para Freud (1925/1996), o complexo de Édipo na menina é uma formação secundária, pois, enquanto no menino sucumbe ao complexo de castração, nela torna-se possível e é promovido por ele. O complexo de castração, nos dois casos, inibe a masculinidade e encoraja a feminilidade, sendo que a diferença se deve ao dimorfismo entre os sexos. Na menina, se o complexo de Édipo não for lentamente abandonado, mediante repressão, seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal na fase adulta, tendo como pressuposto a derivação das perversões e neuroses que se ocorrem a partir do que resta do complexo no inconsciente.

Nas teses sobre espancamento infantil, Freud observa que o conteúdo de uma fantasia inconsciente é: “Estou sendo espancada pelo meu pai” (1919/1996, p. 201). A princípio, a tríade masoquismo-feminismo-passividade já é constatada pela articulação de uma fantasia de espancamento com o pressuposto de que a criança seja do sexo feminino. Ressalta-se esse aspecto para mostrar que o dimorfismo sexual sobre o qual se versa o complexo de Édipo inclui uma ordem simbólica, a qual pode ser ignorada por discursos ortodoxos em psicanálise. Segundo sua observação, trata-se de uma fantasia acompanhada por um alto grau de prazer, tendo um caráter inequivocamente masoquista, e sendo associada, posteriormente, à satisfação sexual masturbatória. Esse *ser espancada* é uma convergência do amor sexual pelo pai e do castigo pela relação genital proibida:

Dessa forma, a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou, tal como o notório *sentimento de inferioridade* corresponde a uma cicatriz narcísica do mesmo tipo. (Freud, 1919/1969, p. 208).

Portanto, para Freud, isso explicaria à noção de que,

[...] para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens. Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres - que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade - todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. (Freud, 1925/1996, p. 320).

Percebe-se, na citação, que Freud considera a fatores políticos e culturais de maior amplitude como constituintes na formação de transtornos da sexualidade, como a inibição e a repressão patriarcal. Não obstante, além de relatar a forma como o psiquismo feminino na sua época era notoriamente masoquista, ainda pensa masculino e feminino a partir do perverso-polimorfismo sexual infantil, cujos descolamentos pulsionais derivam a representação de gênero feminina da representação de gênero masculina, assumindo claramente a posição de inferioridade da menina em relação à do menino. Especialmente na tese do espancamento infantil, Freud (1996) reafirma a importância do repúdio à feminilidade na vida mental de ambos os sexos, equiparando a masculinidade como sujeito, a atividade do pênis, e a feminilidade como objeto, passividade. Já em suas conferências sobre feminilidade, Freud reafirma a vinculação entre feminilidade, ambivalência para com a mãe, saída da castração pela maternidade, finalmente, o masoquismo, dizendo:

A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas, é verdadeiramente feminino. Mas, como acontece tantas vezes, se os senhores encontram masoquismo em homens, que lhes resta senão dizer que tais homens mostram traços femininos muito evidentes? (Freud, 1933/1974, pp. 143-144).

O monismo sexual fálico, ou seja, a hipótese de um só aparelho genital que fundamenta as teorias sexuais freudianas, apresenta em sua concepção a importância do monismo e do determinismo para a feminilidade. Isso, porque o único órgão sexual

reconhecido pela criança nos dois sexos seria o órgão masculino, ou seja, o pênis no menino, e seu correspondente na menina, o clitóris. Para a teoria freudiana, somente na puberdade se desenvolve a fase genital; até lá a vagina não será descoberta.

Também é colocada em evidência a patologização dos percalços do desenvolvimento da sexualidade feminina, tendo como representação máxima a inveja que a menina tem do pênis, o complexo de castração continuado, a dificuldade da formação do Superego e a própria passividade sexual latente, em contraste ao desenvolvimento da sexualidade do menino. Ou seja, evidencia-se aqui a supremacia do caráter castrador e incitador da negatividade/passividade do desenvolvimento sexual da mulher como proveniente de um fundacionismo do desejo a partir do monismo sexual fálico, no qual a genital masculina é considerada o representante da lei natural, acima de todas as leis, o totem e o tabu, enquanto a genital feminina seria a cultura, a aprendizagem do materno, do frágil e dócil (Deleuze, 1967/2009).

Neste sentido, a cultura patriarcal e a teoria normal da sexualidade centrada em um monismo fálico exprimem a castração, a naturalização, o fundacionismo monista do falo, finalmente, o comportamento feminino representado como um investimento necessário em direção à maternidade. Assim, o masoquismo passa a ser também agregado às características psicológicas da mulher, compondo uma representação tradicional do gênero onde feminino, passividade e masoquismo são percebidos como uma tríade psicológica inseparável. Inclui-se, ainda, nesses elementos o sadismo, visto que eles são considerados um fetiche sádico-anal infantil extraviado para o matrimônio. Em outras palavras, o feminino nasceu para recuperar o falo castrado ou ameaçado de se castrar por meio de um filho, concebido biologicamente ou não. Para compreender a relação entre o fetiche e a concepção de um filho é possível recorrer a Lacan, para quem há um dilema insolúvel na mulher, que é o de encontrar as manifestações típicas de sua feminilidade.

Segundo ele [Lacan], a mulher se encontra presa a um dilema insolúvel, que é o de localizar todas as manifestações típicas de sua feminilidade. Ela se encontra presa na busca de sua satisfação, a princípio através do pênis de um homem, depois substituído pelo desejo de um bebê. Para encontrar uma satisfação tão intransigente e fundamental como a maternidade, é preciso percorrer os caminhos de uma linha substitutiva. O pênis é antes de tudo um substituto, um fetiche, e o bebê o é também, num certo sentido, o que faz a mulher unir o que poderia ser chamado de seu instinto e sua satisfação natural. A mulher se encontra, então, ligada à necessidade implicada pela função do falo através da linha de seu desejo. Ela responde à demanda de ser o falo na medida em que este é o significante do desejo (Meira, 2010, p. 71).

Essa e outras práticas discursivas da psicanálise, mesmo contemporâneas, portanto, permitem constatar sua leitura como um discurso sexista porque demarcam a sexualidade a partir da distinção anatômica entre os sexos, ainda que incluam a ordem simbólica na constituição do masculino e feminino, e machista, uma vez que nessa distinção o falo se apresenta como o órgão genital evidente e a ausência dele configura uma inveja a ser superada em sua substituição por um filho (Freud, 1924a/1996).

Deleuze (1967/2009), por sua vez, realiza um exercício que o próprio Freud (1933/1974) afirmou ser necessário para o entendimento de suas preposições, que é o abandono do ponto de vista da psicologia individual como auxílio imediato no esclarecimento dessa complicada situação em que o discurso psicanalítico tradicional se sustenta pela depreciação sobre o feminino no Ocidente, e que, infelizmente, ainda é perpetuado.

Mais que denunciar o monismo sexual fálico presente nas obras de Freud, Deleuze discute também outro equívoco recorrente na obra do autor. A suposta síntese opositiva da lógica binária presente na tese do dimorfismo: o binarismo reafirmado na hipótese sadomasoquista. Para o filósofo, caracterizar o(a) masoquista como um(a) sádico(a) que volta suas pulsões sexuais agressivas a si mesmo(a) não apenas encoraja pensar o feminino a partir do masculino, reconduzindo ao mencionado monismo sexual, como também obscurece diferenças intransponíveis entre os universos sádico e masoquista. Desse modo, o autor de *Sacher-Masoch: O Frio e o Cruel* busca refutar a premissa básica freudiana segundo a qual:

O masoquismo enquanto perversão parece distanciar-se mais do alvo sexual normal do que sua contrapartida; em primeiro lugar, pode-se pôr em dúvida se ele aparece alguma vez como fenômeno primário, ou se, pelo contrário, surge regularmente do sadismo mediante uma transformação. É frequente poder-se reconhecer que o masoquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, o lugar do objeto sexual. A análise clínica dos casos extremos de perversão masoquista mostra a colaboração de uma ampla série de fatores (como o complexo de castração e a consciência de culpa) no exagero e fixação da atitude sexual passiva originária (Freud, 1905/1969, p. 148).

Reafirmada também na recombinação do caráter ativo ou passivo do padrão de atividade mental de um indivíduo, o que encoraja a análise a partir do monismo sexual fálico,

A particularidade mais notável dessa perversão reside, porém, em que suas formas ativa e passiva costumam encontrar-se juntas numa mesma pessoa. Quem

sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais. O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante (Freud, 1905/1969, p. 149).

Se, de um lado, é explícita a articulação entre sadismo e masoquismo, por outro lado a genealogia dos textos freudianos sobre essas perversões elucida ainda melhor não apenas a fusão desses quadros em um único universo, como também a centralidade na figura paterna, portanto, do monismo sexual fálico, na constituição do masoquismo.

Em sua discussão sobre o aspecto econômico do masoquismo, Freud (1924b/1996) problematiza que se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer, ou ainda, pelo ato de evitar o desprazer, a existência de uma tendência masoquista nos seres humanos seria algo misterioso. Percebendo a problemática, se apresenta diante dos discursos da psicanálise a necessidade de investigar a relação do princípio de prazer com as duas classes de pulsões que ele apresenta: os instintos de morte e os instintos de vida eróticos libidinais.

Freud acreditava que o princípio governante de todos os processos mentais constitui um caso especial de um ato cuja tendência seria manter a estabilidade. Tal princípio buscaria reduzir a nada ou a níveis baixos as somas de excitação que fluem sobre ele. Freud (1920/1996) denominou-o de princípio de nirvana, identificando-o ao princípio de prazer-desprazer. Seguindo essa ideia inicial, o desprazer deveria coincidir a elevação da excitação, enquanto o prazer derivaria do rebaixamento da tensão. Sendo assim, o princípio de nirvana estaria a serviço do instinto de morte, objetivando resultar em um estado de estabilidade inorgânica, tendo sua funcionalidade na advertência contra as exigências do instinto de vida, cuja libido, se não apresentar um registro silencioso de volta ao inorgânico, tende a perturbar o curso orgânico. Por fim, Freud (1920/1996) afirma que essa conclusão é equivocada, partindo de uma percepção muito clara: que haja tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos. Um exemplo é a excitação sexual, em que o aumento de tensão é prazeroso.

Dessa investigação, Freud observa que prazer e desprazer não são problemas econômicos, ou seja, relativos à quantidade de tensão, que acontecem em função de um aumento ou diminuição de quantidade, mas que dependem mais de aspectos qualitativos.

Freud então diz que o princípio de nirvana, sendo pertencente ao instinto de morte, teria no instinto de vida o seu servo, visto que o princípio de prazer serve ao aos instintos

de morte (Freud, 1920/1996). Logo, o princípio de nirvana expressaria a tendência do instinto de morte, ou seja, a preservação de um estado estável inorgânico. Já o princípio de prazer representaria as exigências da libido, a modificação de outro princípio, o de realidade, o qual representaria a influência do mundo externo. Esses três princípios estão ligados de modo que nenhum é realmente colocado fora de ação por outro. Eles toleram-se mutuamente, fadados a eternos conflitos (Freud, 1920/1996). Observa-se, portanto, a síntese de oposição entre as tópicas freudianas e o aspecto dinâmico *versus* econômico, da qual resulta a determinação do desejo como falta que busca regatar o falo ou sobrepujalo, estando limitado ao monismo. No contexto psicanalítico geral, caberia ao complexo de Édipo reintroduzir o eu, o resgate do falo no eu cindido que o perdeu.

No bojo dessa discussão instaura-se a noção de Deleuze e Guattari (1972/2011) de desejo como falta que pode ser sistematizada no conceito dicotômico de desejo como aquisição e desejo como produção, fundando a acepção de que é a falta que produz o desejo como crença supersticiosa, alucinação e fantasma, isto é, uma duplicação do mundo em que o real é desejado por meio de uma imagem do objeto que se almeja. A realidade psíquica, uma causalidade representada no próprio desejo, em nada altera a essência da acepção de desejo como falta, ancorando-se e apoiando-se nela. A duplicação da realidade no desejo sonhado e no objeto real tem o inconsciente como teatro fadado a uma incurável insuficiência do ser. Conclui-se, então que os investimentos libidinais específicos estão sempre em uma oposição, sobrepujando a crítica e autocrítica da psicanálise.

Freud (1924b/1996) introduz o assunto do masoquismo distinguindo-o em três tipos: masoquismo erógeno, masoquismo feminino e masoquismo moral. O primeiro, erógeno, significa prazer no sofrimento e está presente no fundo das duas outras formas de masoquismo.

O masoquismo denominado feminino, segundo o autor, seria o mais acessível a investigações. O masoquista seria alguém que estaria desejando o tratamento infantil, de desamparo, mas, particularmente, como criança travessa. Esses indivíduos se colocariam em situação caracteristicamente feminina, demonstrando o desejo oriundo da castração, na qual o desamparo seria superado pelo desejo de um filho, concebido biologicamente ou não. Eles experimentariam um sentimento de culpa que busca a expiação por meio de punição, haja vista que a constatação da mutilação, ou o medo de ser mutilado, no complexo de Édipo, levaria a uma fundação da culpa (Freud, 1924b/1996).

Posteriormente, reitera que o masoquismo feminino se baseia inteiramente no masoquismo erógeno, pelo prazer no sofrimento. Depois dessa breve definição do masoquismo feminino, Freud apresenta a estreita relação entre o masoquismo e aquele que considerou o seu correspondente na vida instintual: o sadismo (Freud, 1924b/1996). O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder. Uma parte do instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá se torna libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno.

Estando-se preparado para desprezar uma pequena falta de exatidão, pode-se dizer que o instinto de morte operante no organismo – sadismo primário – é idêntico ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu masoquismo erógeno propriamente dito que, por um lado, se tornou componente da libido e, por outro, ainda tem o eu (self) como seu objeto (Freud, 1924b/1996, p. 205).

O masoquismo então acompanha a libido por todas as fases de desenvolvimento. Representa o medo residual de ser devorado pelo animal totêmico (o pai).

[...] o desejo de ser espancado pelo pai provém da fase anal-sádica que a segue; a castração, embora seja posteriormente rejeitada, ingressa no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio ou organização fálica, e da organização genital final surgem, naturalmente, as situações de ser copulado e de dar nascimento, que são características da feminilidade (Freud, 1924b/1996, p. 182)

Por fim, a terceira forma de masoquismo: o moral. Ele se caracterizaria principalmente por um afrouxamento de vínculo com a sexualidade. Isso, porque as outras formas de masoquismo têm prazer no sofrimento que emana das condições impostas em relação à pessoa amada enquanto nele é o próprio sofrimento que mais importa, independentemente de sua relação de amor com algum objeto em especial. Freud identifica esse masoquismo como patológico e que se manifesta clinicamente sob um sentimento de culpa. São pacientes que se recusam a ceder de seu estado de enfermidade.

O sofrimento acarretado pelas neuroses é exatamente o fator que as torna valiosas para a tendência masoquista. É também instrutivo descobrir, contrariamente a toda teoria e expectativa, que uma neurose que desafiou todo esforço terapêutico pode desvanecer-se se o indivíduo se envolve na desgraça de um casamento infeliz, perde todo o seu dinheiro ou desenvolve uma doença orgânica perigosa. Em tais casos, uma forma de sofrimento foi substituída por outra e vemos que

tudo quanto importava era a possibilidade de manter um determinado grau de sofrimento (Freud, 1924b/1996, p. 207).

Por fim, Freud considerou o fato de o masoquismo moral ser inconsciente como uma pista. Para ele, isso indicava uma necessidade de punição nas mãos de um poder paterno. A fantasia de ser espancado pelo pai se relacionava a outra fantasia: a de ter uma relação sexual passiva (feminina) com esse pai. O masoquismo atuaria sob uma tentação de cometer ações pecaminosas a fim de serem expiadas e censuradas por uma consciência sádica. Freud termina a explanação falando que quando os instintos destrutivos do indivíduo são fortemente suprimidos culturalmente e impedidos de exercer-se na vida externa, ocorre a volta de parte do sadismo contra o eu; a destrutividade é assumida pelo Superego, aumentando o sadismo em relação ao Ego, por meio de uma forte consciência moral. Desse modo, ocorre a ligação entre sadismo do Superego e masoquismo do Ego, que se suplementam mutuamente, resultando em um forte sentimento de culpa que busca a severidade (Freud, 1924b/1996).

O masoquismo moral seria, então, segundo Freud, uma prova da existência da fusão entre ambas as pulsões. O seu maior problema se deve ao fato de originar-se do instinto de morte, correspondendo à parte que escapou de ser manifesta como destruição exterior. Para completar, o sentido de satisfação: “por outro lado, ele tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal” (Freud, 1924b/1996, p. 203).

Birman (1999) apresenta uma proposta de histerecização social como alternativa aos masoquismos degradantes, tal como o erógeno, o feminino e o moral, na constituição do sujeito. Pretende-se, portanto, um processo de fuga do masoquismo ou da virilidade em mulheres, bem como da falicização em homens. Para tanto, é apresentada a teoria freudiana da feminilidade, que sustenta como eixo principal masoquismo-passividade-feminilidade.

A feminilidade, vista até aqui como um registro psíquico refém do monismo sexual fálico, ameaçadora tanto a homens quanto mulheres, pode ser entendida pela coexistência no feminino entre a erotização e a sublimação do desejo, isto é, a sedução oriunda de fetiches que devem urgir ao matrimônio. Nesse contexto sedutor, a mulher emerge sendo concebida como sujeito caracterizado pela passividade, inveja do pênis e expiação da dor. Diferentemente da ameaça de experimentar o complexo de castração nos homens, nas mulheres tal processo é visto como uma mutilação da qual decorre a

substituição do gozo clitoridiano, semelhante ao pênis, ao gozo vaginal. Isso, porque, no contexto da teoria freudiana geral, a sexualidade feminina é concebida a partir da primazia do falo na constituição do sujeito (Birman, 1999).

Portanto, apresenta-se, para Birman um enigma da feminilidade, intimamente relacionado ao complexo de castração. Nesse contexto, exercer o feminino somente é possível por meio da maternidade, ou seja, pelo desejo de substituir o falo castrado por um filho. Esse desejo evoca a vocação libidinal feminina, intimamente relacionada à vagina castrada e a impossibilidade identificatória na dialogia pulsional do ponto de vista econômico, isto é, do jogo de forças manejado segundo o ponto de vista da pulsão em relação à ordem simbólica.

Desse fato decorre-se uma indeterminação, entendida como a dinâmica pulsional exercida no sujeito. A saída ao enigma feminino indeterminado, segundo Birman, somente é possível pela positivação da histeria, caracterizada por sua íntima relação com o corpo erógeno. Nesse sentido, o masoquismo degradante, definido como a expiação da dor, poderia ser superado por meio da conversão de uma pulsão intensa, que extravasa a ordem simbólica, ao corpo erógeno. Tem-se, portanto, a defesa de um manejo transferencial que encerraria a violência masoquista por meio da culpabilização ou sedução do sujeito (Birman, 1999).

3. A crítica deleuziana a unidade sadomasoquismo

Passando para a interface de Deleuze com a psicanálise na abordagem do masoquismo é importante ressaltar que embora a tese sobre a frieza e a crueldade no masoquismo se dedique a desconstruir a unidade hipotética do *sadomasoquismo*, o filósofo polariza os romances de Sade e Masoch e os textos de Freud em duas questões: uma mais ligada à tríade masoquismo-feminino-passividade, outra de envergadura mais teórico-filosófica, culminando na discussão sobre relações da dinâmica do aparelho psíquico com as tendências de repetição elaborativa da criatividade do sujeito em oposição à repetição destrutiva do retorno ao estado originário de morte.

Por essa razão, Deleuze (1967/2009) questiona a unidade sadomasoquista dos quadros clínicos de perversão presentes nas obras de Sade e Masoch, mas não interroga, pelo menos na obra em questão, as noções de Eros e Tânatos como pulsões sexuais infantis que se combinam construindo padrões de funcionamento do aparelho psíquico. Deleuze, de fato, afirma que Freud revolucionou o pensamento filosófico com o conceito

de pulsão de morte, e transpõe o pensamento kantiano para a lógica do inconsciente. De um lado, na epistemologia, Kant considerou dois sujeitos, um empírico (de afetos, preconceitos, sentimentos) e outro transcendental (relativo às categorias a priori de condição de possibilidade do conhecer). Deleuze diz que Freud diferencia duas tendências a repetição na vida psíquica: (i) repetição laço, lógica na qual Eros e Tânatos conduzem a criatividade, a elaboração de conflitos; (ii) repetição borracha, na qual Eros e Tânatos conduzem a agressividade, destruição e repetição de uma volta ao Estado de morte e caos. Em outras palavras, no âmbito das pulsões, as formações repetitiva-laço e repetitiva-borracha podem buscar as categorias transcendentais de possibilidade da vida psíquica. Ou seja, Eros e Tânatos em estado puro, tal como se sugere pela ideia de um princípio além do de prazer.

Ao conceituar essa diferença entre instinto e pulsão, compreendendo o instinto como o limite transcendental no qual os investimentos libidinais apresentam um programa social distinto sádico ou masoquista, prenhe de consequências diferentes, na esteira da reflexão filosófica de Kant sobre o conhecimento, Deleuze pretende iniciar o rompimento com a individualização e pessoalidade da noção de inconsciente em Freud (Sanches, 2013). Nas teses sobre a frieza e crueldade masoquistas, portanto, se apresenta um divisor de águas no seu percurso de pensamento, cujas implicações são relativas ao sadismo, ao masoquismo e ao feminino, para rever a postulação de Freud ao fundir pulsão e instinto em uma mesma unidade que conduz ao monismo sexual fálico.

Diferenciando esses conceitos de pulsão como registros que são investidos de instinto, como repetições parciais que buscam apresentar o transcendental estado originário de desorganização, Deleuze defenderá que ambos, sadismo e masoquismo, combinam as pulsões na forma de repetição da vida psíquica para alcançar a natureza transcendental de Tânatos de modo distintos. Desse modo, existem duas naturezas no quadro geral dessas perversões: uma inalcançável, transcendental, que apenas pode ser dada a priori no limite das possibilidades de conhecimento, relativa ao caos, rebeldia e destruição absolutos; outra que deriva da combinação das energias pulsionais de vida e de morte, resultando em quadros de atividade psíquica destrutivas apenas parcialmente, nunca alcançando o estado originário e caótico do instinto de morte em estado puro.

Esse itinerário de reflexão teórico-filosófica de Deleuze sobre os conceitos de pulsão e instinto freudianos, perpassa toda a obra no tocante aos universos do sadismo e do masoquismo, pois mostra como o investimento libidinal parcial masoquista constitui

um padrão psíquico de repetição do desejo cuja lógica é excludente do investimento libidinal parcial sádico, que é mais bem captado pela ideia de um estado originário, a priori, de morte. Enquanto no universo sádico ocorre a presença do fetiche friamente calculado, ou seja, investimentos libidinais parciais nos quais a escolha do objeto tem a intenção de extorquir o desejo em prol da destruição com busca de anomia, desordem absoluta, no universo masoquista o fetiche é sugestivo, inocente, natureza revigorante de busca do estado originário de morte pela postergação do objeto que se deseja (Deleuze, 1967/2009).

Ao analisar as obras de Sade e Masoch, Deleuze se pronuncia inicialmente sobre os aspectos linguísticos e a função estética presentes em cada uma delas. Para o filósofo, ambas as obras poderiam ser enquadradas na definição mais difundida de pornografia, ou seja, palavras de ordem seguidas de atos obscenos, mas ele pontua que essa categoria seria injusta, e até imprecisa, pois as palavras de ordem apresentam significados distintos no universo de cada obra (Deleuze, 1967/2009).

Ao passo que a linguagem autoritária de Sade tem uma função estritamente demonstrativa, racional, analítica, mostrando o aspecto impessoal e destrutivo do universo do sádico que busca alcançar a natureza caótica de Tântatos em estado puro por meio de repetições parciais ligadas a razão, em Masoch a função da linguagem é romântica, persuasiva, instrutiva e imaginativa. No caso do universo masoquista, o padrão de repetição do desejo está ligado a um Ideal absoluto que não se reduz apenas ao aspecto demonstrativo da linguagem, mas requer uma trama de fantasia e certo romance inexistente no universo sádico (Deleuze, 1967/2009).

No universo linguístico do sádico busca-se a repetição a um estado originário da natureza pela apatia da demonstração que nada pode sentir, puramente racional. Já no universo simbólico masoquista, a expiação por meio da dor busca suspender o desejo ao longo do tempo mediante a teatralidade e o fetiche, no plano imaginativo. Deleuze (1967/2009) argumenta que a diferença das palavras de ordem em Sade e Masoch reflete a aceitação da obra dos autores: ao passo que Sade causou escândalo na Europa, sendo preso por seus escritos, Masoch foi aceito com ares de inocência, romance e incrível decência.

Além disso, Deleuze (1967/2009) ressalta o aspecto humorístico dos universos de Sade e Masoch, pontuando a existência de certo *masoquismo* no universo sádico e um certo *sadismo* no universo masoquista embora não se tratem da mesma lógica situada em pares

contrários. No final dos romances de Sade, as personagens libertinas frequentemente permitiam que seus suplicados infligissem dor nelas, mas, distante de um ideal masoquista, o aspecto é meramente demonstrativo de sarcasmo. Na contrapartida, em Masoch é comum o homem vítima de sua carrasca assumir ao final da trama uma posição contrária à de submissão e ele mesmo infligir dor a sua mulher, anunciando o fim da fantasia masoquista, ressaltando um aspecto humorista trágico da situação ao invés de revelar uma unidade sadomasoquista. Portanto, o aspecto sarcástico e impessoal de Sade não se confunde com o aspecto trágico e idealista de Masoch, ainda que os papéis se invertam em ambos os casos. Deleuze arremata afirmando:

A mulher-carrasco escapa de seu próprio masoquismo tornando-se *masoquizante* na situação. O erro é acreditar que ela é sádica ou até mesmo que se faça de sádica. O erro é acreditar que o personagem masoquista encontra, como num feliz acaso, um personagem sádico. Cada sujeito de determinada perversão precisa do *elemento* da mesma perversão, e não de um sujeito de outra perversão. Toda vez que se faz uma observação sobre um tipo de mulher-carrasco no contexto do masoquismo, percebemos que ela não é sádica de verdade nem falsa sádica, aliás algo bem diferente, que pertence essencialmente ao masoquismo sem realizar sua subjetividade, encarnando o elemento do *fazer sofrer* numa perspectiva exclusivamente masoquista. Daí os heróis de Masoch e o próprio Masoch estarem sempre em busca de uma certa *natureza* de mulher, difícil de se encontrar: o masoquista-sujeito precisa de uma certa *essência* do masoquismo, realizada numa natureza de mulher que renuncia a seu próprio masoquismo subjetivo; ele absolutamente não tem necessidade de um outro sujeito sádico (Deleuze, 1967/2009, pp. 43-44).

Se o universo masoquista requer certo ideal de mulher, difícil de encontrar, tal como sugere Deleuze, qual seria ele? O filósofo afirma que existe uma tríade conceitual de mulher frequente nos romances de Masoch: i) a mulher Afrodite, poderosa, que deseja igualar os sexos, arrematadora e sensual: geralmente os romances começam assim, e não atraem a vítima masoquista; ii) a mulher fria, cruel, racional, também não atrai a vítima masoquista, pois é justamente assim que os romances de Masoch acabam: ambos a vítima e a mulher se tornam *sádicos*, desmantelando a imaginação e teatralidade próprios do masoquismo; iii) a mulher gélida-sensual-cruel, na qual é apresentada uma figura feminina sem o envolvimento poderoso e superior da mulher Afrodite, e sem o potencial destrutivo da *sádica*. As descrições de Masoch das estepes, do clima frio, gélido evocam a mulher ideal do masoquismo.

Deleuze (1967/2009) aponta que, embora a mulher ideal do masoquista apresente ares de frieza, esse aspecto gélido não se confunde com a apatia da racionalidade do universo sádico: enquanto nos sádicos a apatia é essencialmente contra o sentimento, pois

sentir feriria o padrão de repetição parcial que visa alcançar Tântatos em estado puro, anárquico, o Mal em sua pureza; no masoquismo a sentimentalidade é permanente ao longo do processo, cuja função é sua suspensão e procrastinação no tempo, ou seja, construir um fluxo de sentimentalidade com base na frieza, sem alcançar o ideal de maldade absoluta presente em Sade. Por essa razão, segundo o filósofo supracitado, a mulher ideal do universo masoquista é aquela que nos conceitos freudianos apresenta fixação na oralidade: ela incorpora a vítima, mas de maneira ritualística, imaginativa.

Aspectos estéticos da obra de Masoch reafirmam essa tese, como a contratualidade da relação masoquista, da qual a obscenidade faz parte. O contrato, o limite do agressivo com base na persuasão e na relação pedagógica na qual a vítima constrói a sua carrasca, afasta o ideal de mulher de Masoch de uma sádica puramente destrutiva. Nesse sentido, Deleuze questiona: por que o padrão masoquista de funcionamento do desejo é frequentemente interpretado psicanaliticamente introduzindo a figura paterna, visto que esse universo parece relevar uma identificação com a mãe-oral, ao invés da dissolução do complexo de Édipo? Diz o filósofo, em uma citação longa, porém pertinente resgatar:

Para se convencer do papel do pai, não basta dizer que o masoquista tende a muito facilmente incriminar a mãe e exibir um conflito materno, e que tanta espontaneidade é suspeita. São argumentos que têm o inconveniente de conceber todas as resistências por meio do recalque; aliás, o deslocamento que consistisse em passar de uma mãe para outra seria igualmente eficaz para confundir as pistas. Não basta tampouco lembrar a musculatura ou as peles da mulher-carrasco como provas de uma imagem compósita. Na verdade, seria preciso que sérios argumentos fenomenológicos ou sintomatológicos comprovassem a presença do pai. Mas, pelo contrário, são dadas como satisfatórias razões que pressupõem toda uma etiologia e, com isso, toda a pseudounicidade entre o sadismo e o masoquismo. Supõe-se que a imagem do pai é determinante no masoquismo por ela ser determinante no sadismo, e que se deve encontrar num o que age no outro, dadas as inversões, as projeções e as misturas propriamente masoquistas. Parte-se então da ideia de que o masoquista se coloca no lugar do pai e quer se apossar da potência viril (etapa sádica). Em seguida, um primeiro sentimento de culpa, um primeiro medo da castração como castigo, o faria renunciar a essa tarefa atava, para tomar o lugar da mãe e se oferecer ao pai. Mas, com isso, ele cairia numa segunda culpa, num segundo medo da castração, implicada dessa vez na iniciativa passiva; e, assim, o masoquista substitui o desejo de uma relação amorosa com o pai pelo *desejo de ser espancado*, o que não só representa uma punição mais leve, como se equivale à própria relação amorosa. Por que, no entanto, é a mãe que bate e não o pai? Por várias razões: primeiramente pela necessidade de afastar qualquer possibilidade homossexual patente demais; depois, pela necessidade de conservar a primeira etapa, em que a mãe era o objeto cobiçado, mas ao mesmo tempo acrescentando-se o gesto punitivo do pai; e, por último, pela necessidade de reunir tudo numa demonstração que só se dirige ao pai (“Está vendo? Eu não queria tomar o seu lugar, é ela que me machuca, me castrando ou batendo em mim”) (Deleuze, 1967/2009, pp. 57-58).

Para Deleuze, devido a premissa freudiana injustificada do monismo sexual fálico que constitui a tríade feminino-masquismo-passividade, insere-se a figura paterna na análise da perversão masquista, mas um retorno ao romance de Masoch, em contraste, literalmente expurga a figura do pai do universo dessa perversão.

Por um lado, a análise edipiana que retoma a figura paterna é presente e inquestionável no caso das heroínas libertinas descritas por Sade. Segundo Deleuze, é fácil e coerente correlacionar as ações destrutivas dessas personagens com o universo edipiano nas meninas. Por exemplo, a prostituição que essas heroínas exercem sob suas vítimas envolve, em última análise, a dissolução da lei materna das próprias regras familiares, que devem ser eliminadas em prol da volta ao estado originário rebelde, anárquico e essencialmente destrutivo do pai, o Pai acima das leis. O autor conclui: “É como se, de certa forma, no sadismo a imagem edipiana da mulher explodisse: a mãe assume o papel de vítima por excelência, sendo a filha promovida ao estado de cúmplice incestuosa” (Deleuze, 1967/2009, p. 60).

Por outro lado, Deleuze problematiza a mesma lógica que retorna a figura paterna no caso do masquismo:

Freud indicava duas saídas, em A dissolução do complexo de Édipo: a saída ativa sádica, em que a criança se identifica com o pai, e a saída masquista passiva, em que ela, ao contrário, assume o lugar da mãe e quer ser amada pelo pai. A teoria das pulsões parciais torna possível a coexistência dessas determinações e, desse modo, alimenta a crença na unidade sadomasquista (Freud diz do Honrem dos Lobos: “No sadismo, ele se apegava firmemente à sua identificação mais antiga com o pai; no masquismo, o pai era escolhido colho objeto sexual”). Entretanto, quando nos dizem que o verdadeiro personagem que espanca, no masquismo, é o pai, devemos igualmente perguntar: e quem, antes de tudo, está sendo espancado? Onde está o pai escondido? Não estaria, antes, no espancado? O masquista se sente culpado, procura ser espancado e expia; mas o quê e por quê? Não seria precisamente a imagem do pai, nele, que é miniaturizada, espancada, ridicularizada e humilhada? Não seria a semelhança com o pai que ele expia, a semelhança do pai? Não seria, o pai humilhado, a fórmula do masquismo? Se assim for, o pai seria antes o espancado do que o espancador... Na fantasia das três mães, efetivamente, um ponto muito importante aparece: a triplicação da mãe tem como efeito transferir simbolicamente todas as funções paternas para imagens de mulher; o pai é excluído, anulado (Deleuze, 1967/2009, pp. 60-61).

Ao retornar o ideal das três mães e sua articulação com os romances de Masoch, para Deleuze, existe um polo entre o ideal da mãe Afrodite, sensual, hermafrodita e uterina, que frequentemente aparece no início dos romances masquistas sem, no entanto, atrair a atenção da vítima a ser supliciada, e a mãe castradora, sádica, agressiva e má, característica do sadismo, que aparece ao fim das obras anunciando o fim trágico do herói

e a necessidade de abandonar sua fantasia, sem jamais unir-se ao polo sádico do desejo. Deleuze (1967/2009) argumenta que todo o movimento dos romances de Masoch sugere uma fantasia na qual ocorre o triunfo da mulher sobre o homem, exemplificando cenas recorrentes nas quais aparece uma mulher caçando um urso ou lobo e vestindo sua pele. Nem mesmo trata-se de uma caça do homem. Para o filósofo, os animais e a pele tratam-se da soberania da mãe oral, ideal do universo masoquista, sobre a mãe uterina anterior. Certamente é um equívoco associar a mãe ruim ao ideal de mulher do masoquista; ela existe no início e no fim do romance, mas são os dois polos de um romance no qual o movimento tende a prolongar a fantasia da mãe ideal, oral, que por meio de sua frieza estende-se o sentimento de espancamento à figura do pai. Segundo Deleuze:

Mas essa concentração na boa mãe oral implica um primeiro aspecto a partir do qual o pai é anulado, com seus membros e funções repartidos entre as três mulheres. Nessa condição, elas ficam com o campo livre para sua luta e sua epifania, que devem, precisamente, levar ao triunfo da mãe oral. Em suma, as três mulheres constituem uma ordem simbólica na qual ou pela qual o pai já se encontra suprimido, desde sempre. Por isso o masoquista precisa tanto do mito para exprimir essa eternidade do tempo: tudo já se encontra feito, tudo se passa entre as imagens da mãe (por exemplo, a caça e a conquista da pele). É então surpreendente ver a Psicanálise, mesmo em suas mais avançadas explorações, ligar a instauração de uma ordem simbólica ao *nome do pai*. Com isso, ela não está mantendo a ideia, singularmente pouco analítica, de que a mãe é da natureza e o pai é o único princípio de cultura e representante da lei? O masoquista vive a ordem simbólica como intermaternal e coloca as condições sob as quais a mãe, nessa ordem, se confunde com a lei. Mas também não se deve falar de identificação com a mãe, no caso do masoquismo. A mãe não é absolutamente o termo de uma identificação, mas a condição do simbolismo pelo qual o masoquista se exprime. A triplicação das mães literalmente expulsou os pais do universo masoquista (Deleuze, 1967/2009, p. 64).

Em outro trecho, o filósofo retoma o aspecto indiscutivelmente masoquista do contrato entre a carrasca e a vítima. Além de servir para discutir as noções de agressividade e expiação diferentes no sadismo e masoquismo, ou seja, a questão da primeira natureza de Tântalos e a fusão das pulsões de vida e morte nos padrões de repetição em cada universo perverso, Deleuze resgata a questão do contrato para refutar a teoria freudiana da figura paterna apresentada na sua leitura do espancamento de crianças. Em suas palavras:

É pelo contrato que o masoquista conjura o perigo do pai e tenta assegurar a adequação da ordem real e do vivido temporal à ordem simbólica, na qual o pai é anulado desde sempre. Pelo contrato, quer dizer, pelo ato mais racional e mais determinado no tempo, o masoquista reencontra regiões as mais míticas e eternas aquelas onde reinam as três imagens da mãe. Pelo contrato, o masoquista faz com

que o espanquem; aliás, o que ele faz espancar, humilhar e ridicularizar é a imagem do pai, a semelhança do pai, a possibilidade de uma volta ofensiva do pai. Não é *uma criança*, é um pai que é espancado. O masoquista torna-se livre através de um novo nascimento em que o pai não tem papel algum (Deleuze, 1967/2009, p. 67).

Com essa crítica literária realizada por Deleuze, que perpassa desde aspectos linguísticos da obra de Sade e Masoch até a articulação dessas narrativas com os conceitos freudianos sobre o funcionamento psíquico, percebem-se notáveis incongruências entre sadismo e masoquismo. Quais argumentos freudianos, no entanto, tornariam possível o retorno à unidade da entidade clínica *sadomasoquismo* e toda a transmutação de termos contraditórios que culminam no monismo sexual fálico e na representação de gênero da mulher patriarcalista, que associa o feminino ao masoquismo e à passividade? Deleuze (1967/2009) encontra três aspectos: i) *Encontro interior* entre as pulsões de vida e de morte inconscientes, que se recombina, deslocam-se, na constituição do aparelho psíquico pessoal de um indivíduo, presente em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905); ii) *Identidade de experiência*, de acordo com a qual o sádico, como tal, só poderia sentir prazer infligindo dor ao outro porque anteriormente experienciou uma associação entre prazer e dor em seu próprio corpo. Essa tese está vinculada a enunciação de Freud de que o sadismo precede ao masoquismo, razão pela qual existem dois tipos de sádico: (i) o agressivo, que busca o triunfo apenas; e (ii) o hedonista, que sente prazer causando dor ao outro. Nessa perspectiva, o sádico agressivo, por repressão, retorna a dor a si mesmo e posteriormente a externaliza no outro por projeção e regressão, conforme *As pulsões e seus destinos* (1915); e iii) *Argumento transformista*: as pulsões transformam-se, tanto em finalidade quanto em objeto. Deleuze aponta que Freud recorre à noção de um polimorfismo das pulsões sexuais, do qual resulta, no tocante às perversões, realocações parciais dessas pulsões, conforme visto em vários momentos da obra, mas já presente em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Deleuze refuta essas teses, ressaltando que embora existam as pulsões sexuais infantis e diferentes padrões de repetição na organização do aparelho psíquico (repetição laço-criativa e repetição borracha-destrutiva), sadismo e masoquismo não são perversões originadas de recombinações de um mesmo estado único de pulsões sexuais infantis. Pelo contrário, são figuras completas dissimétricas entre si. O filósofo, portanto, em última análise, arremata a tríade feminino-masoquismo-passividade afirmando:

É secundária a importância da pergunta sobre se o masoquismo seria feminino e passivo e o sadismo, viril e ativo. A questão pressupõe a coexistência do sadismo e do masoquismo, o reviramento de um no outro, e a sua unidade. O sadismo e o masoquismo não são compostos por pulsões parciais, mas por figuras completas. O masoquista vive em si a aliança da mãe oral com o filho, como o sádico vive a do pai com a filha. Os travestis, tanto sádicos quanto masoquistas, têm como função selar essa aliança. No caso do masoquismo, a pulsão viril está encarnada no papel do filho, enquanto a pulsão feminina se projeta no papel da mãe; mas as duas pulsões constituem uma figura, já que a feminidade se coloca deixando claro que a ela nada falta, e a virilidade se mantém suspensa na denegação (assim como a ausência do pênis não significa a falta do falo, sua presença não implica a posse do falo, pelo contrário). No masoquismo, então, uma jovem pode perfeitamente assumir o papel do filho, com relação à mãe que espanca e que possui idealmente o falo, e de quem depende o novo nascimento. O mesmo pode ser dito do sadismo e da possibilidade de um jovem representar o papel de filha, em função de uma projeção do pai. A figura do masoquista é hermafrodita, como a do sádico é andrógina. Cada um em seu mundo dispõe de todos os elementos que tornam impossível e inútil a passagem para o outro mundo. Deve-se evitar, em todo caso, tratar o sadismo e o masoquismo como contrários exatos - exceto para dizer que os contrários se repelem, que cada um deve fugir ou morrer..., mas as relações dos contrários sugerem fortemente a possibilidade de transformação, de subversão e de unidade. Entre o sadismo e o masoquismo revela-se uma profunda dissimetria. É verdade que o sadismo apresenta uma negação aviva da mãe e uma inflação do pai (posto acima das leis), do mesmo modo que o masoquismo opera uma dupla denegação: uma denegação positiva, ideal e magnificatória da mãe (identificada com a lei) e uma denegação anuladora do pai (expulso da ordem simbólica) (Deleuze, 1967/2009, p. 69).

4. Considerações Finais

Diante do tema do masoquismo, este trabalho optou por uma reflexão crítica sobre essa entidade clínica fundamentando-se na obra *Sacher-Masoch: O Frio e o Cruel*, de Gilles Deleuze (1967/2009), na qual se discute a suposta síntese dialética de contrários presentes na entidade *sadomasoquismo*. Para o filósofo, caracterizar o masoquista como um sádico que volta suas pulsões sexuais agressivas a si mesmo, obscurece diferenças intransponíveis entre o universo do sádico e do masoquista.

O retorno às obras de Sade e Masoch permitiu a Deleuze (1967/2009) argumentar que todo o movimento dos romances de Masoch sugere uma fantasia na qual ocorre o triunfo da mulher sobre o homem, por meio de uma consensualidade da vítima que constrói sua carrasca em uma relação que mistura sentimentalidade e frieza de modo a suspender teatralmente a pulsão de vida, o que expurga a figura paterna desse universo. Em Masoch, a função da linguagem é romântica, persuasiva, instrutiva e imaginativa. No caso do universo masoquista, o padrão de repetição do desejo está ligado ou a um ideal absoluto, conforme presente na obra *Vênus em Peles* (1870), ou, pelo menos, trata de

fetiches qualitativos os quais se voltam a um estado originário de morte, porém ligado a maestria da criatividade, suspensão e aplicação de dor, que não se reduz apenas ao aspecto demonstrativo da linguagem, mas requer uma trama de fantasia e certo romance inexistente no universo sádico.

Já no universo linguístico do sádico, busca-se a repetição do desejo que visa a um estado originário da natureza pela apatia da demonstração que nada pode sentir, puramente racional, cruel e violenta. No final dos romances de Sade, as personagens libertinas frequentemente permitiam que seus supliciados infligissem dor nelas, mas, distante de um ideal masoquista, o aspecto é meramente demonstrativo de sarcasmo, sobre apanhar e bater como equivalentes a anomia. Desse modo, nos sádicos a apatia é essencialmente contra o sentimento, pois sentir feriria o padrão de repetição parcial que visa alcançar Tântatos em estado puro, anárquico, o mal em sua pureza.

Por um lado, a análise edipiana que retoma a figura paterna é presente e inquestionável no caso das heroínas libertinas descritas por Sade. Segundo Deleuze (1967/2009), é fácil e coerente correlacionar as ações destrutivas dessas personagens com o universo edipiano nas meninas. Por exemplo, a prostituição que essas heroínas exercem sob suas vítimas envolve, em última análise, a dissolução da lei materna das próprias regras familiares, que devem ser eliminadas em prol da volta ao estado originário rebelde, anárquico e essencialmente destrutivo do pai identificado, liberando de maneira totêmica o pai acima das leis.

A despeito das inegáveis contribuições da psicanálise freudiana no tocante ao estudo das perversões, cujos os ensaios condensam os germes das teses sobre a sexualidade infantil que a esquizoanálise de Deleuze e Guatarri (1972/2011) tem grande apreço, dizendo que o psicanalista descobriu a economia inconsciente do desejo, Deleuze (1967/2009) subverte a lógica de análise freudiana que parte da premissa de que masoquismo-feminino-passividade estão em íntima relação na configuração do desejo. A envergadura pela obra de Sacher-Masoch dissolve essa tríade presente em Freud ao denunciar equívocos que ainda se encontram em reprodução na crítica literária, bem como no contexto clínico. Assim, emerge a necessidade de revisar e contextualizar, principalmente no que concerne a posição do feminino, a constituição psíquica e o lugar ocupado pelo feminino na sociedade ocidental.

Portanto, na investigação, assim como em outras situações em que a crítica-clínica se faz necessária, é exequível ressaltar quais fetiches são presentes no contexto da escolha

do objeto sexual, seja romantizado ou sodomizado. Quando entendidos a partir da teoria do investimento libidinal identificatório, ou seja, analisados sob a ótica do desejo que atualiza a si próprio, casos de sadismo e masoquismo passam do universo binário de uma síntese opositiva para identidades mais abrangentes, configurando modelos de vida, bem como projetos de sociedade, distintos. Isso, porque, em última análise, o masoquismo trata da crueldade e frieza inocentes, um projeto que busca fugir da ideia de que o feminino está condenado ao matrimônio, bem como a urgência por um filho. Por outro lado, sadismo seria a destruição de qualquer forma de autorreprodução do tecido social, pela parcialidade de um desejo que busca aniquilar, recapitulando o Complexo de Édipo, toda a lei natural instaurada por totem e tabu.

Acredita-se, portanto, que a crítica literária empreendida neste ensaio pode, senão concluir e diagnosticar o *status* atual do sadismo e do masoquismo nas relações sociais contemporâneas, contemplando as noções de masculinidade e feminilidade em jogo, ao menos permitir trilhar novos caminhos na interface entre psicanálise, literatura e diagnóstico social. Deleuze (1967/2009) afirma que Sacher-Masoch pratica uma dessexualização do amor, por meio da relação contratual, e uma sexualização da história da humanidade, por meio de um erotismo mortífero no qual o sacrifício é o caminho para a satisfação em que entram em dialogias carrascos cruéis e vítimas injustiçadas. Se as relações matrimoniais monogâmicas são contratos, estaria o matrimônio moderno se dessexualizando em prol do sacrifício? Ou, se o sacrifício entre vítimas e carrascos compõe a história humana, como pensar o amor no exercício da liberdade mútua? Embora tais respostas extrapolem o escopo deste ensaio, ressalta-se, como sugere Deleuze (1993/1997), que os campos da epistemologia, da crítica artística e da clínica permitem aos agentes sociais identificar problemas sociais e construir os instrumentos necessários para resolvê-los.

Em última análise, é possível dizer que uma epistemologia inspirada em Freud com Deleuze sustenta-se, eliminando sínteses opositivas entre masculino-feminino, masoquismo-sadismo, nos seguintes pressupostos: (i) o fim do *Geist*, ou seja, um fantasma de grupo que encerra a oposição de contrários; (ii) em um conceito dessubstancializado de vida, na qual a personalidade apesar de se prender em investimento libidinal é um projeto em aberto de amplitude imensurável; e (iii) limites éticos, baseados na etimologia do desejo, ou, em outros termos, na alegria do espírito trágico, em que a sexualidade perverso-polimorfa possa se exercer de forma consensual.

Arremata-se, portanto, concluindo que a tríade masoquismo-feminilidade-passividade não se sustenta. Em primeiro lugar, porque o feminino não está condenado a extravaiar sua agressividade sádico-anal ao matrimônio com a concepção de um filho, que se explica pela frustração de, supostamente, ter a genital mutilada, da qual haveria potencialidade de uma inveja do pênis. Além disso, argumentou-se que o masoquismo, em todas as suas formas, trata-se do triunfo da mulher sobre o homem ou em termos atuais, do feminino sobre o masculino, pois seria a redução da figura autoritária de um Pai representante da lei natural no corpo do masoquista que, então, passa a ser humilhado em fantasias concretas de espancamento. Por fim, a passividade, a noção cultural de sexo frágil, intimista, dócil, seria entendida como um projeto edipiano que adequa o feminino ao masculino, sustentando um monismo fálico. O encontro de Deleuze com Freud poderia encorajar a dissolução desses problemas orientando um discurso emancipador da feminilidade, na qual seu enigma, como diz Birman (1999) não apresente uma única saída: a concepção de um filho.

Recebido em:

Aprovado em:

Referências

- Birman, J. (1999) *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (1993) *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1972) *O Anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- Deleuze, G. (1967). *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. São Paulo: Jorge Zahar, 2009.
- Freud, S. (1900) A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. IV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1924a) A dissolução do complexo de Édipo. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1920) Além do princípio de prazer. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1933) A feminilidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1925) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1924b) O problema econômico do masoquismo. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1913 [1912-13]) Totem e tabu. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1905) Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1919) Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Meira, A. da C. (2010). Dos impasses da maternidade a uma verdade indizível: Uma leitura psicanalítica sobre a feminilidade. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Sanches, A. (2013). Inconsciente e Instinto de Morte: um itinerário do debate inicial de Deleuze com a psicanálise. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

Spitz, R. (1965) *O Primeiro Ano de Vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Winnicott, D. (1967) *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.